



Rubens Pavão

JÚBILO NA IGREJA AÇORIANA

OPINIÃO//PÁG. 8



Nuno Melo Alves

A PROPÓSITO DO MERCADO REGIONAL

OPINIÃO//PÁG. 14

POIS ALEVA

OPINIÃO//PÁG. 19

0,80 € Fundado em 1870 por M. A. Tavares de Resende
Director Paulo Hugo Viveiros | Director Executivo Osvaldo Cabral
Domingo, 7 de Junho de 2020 | Ano 151 | N.º 42.193

Diário dos Açores



Ano 150º

O quotidiano mais antigo dos Açores

Gilberto Vieira, Presidente da Associação de Turismo Rural

“Retoma vai ser lenta e turismo rural terá papel fundamental”

ENTREVISTA//PÁG. 3



Empresa de emigrante açoriano nos EUA cria sistema de abrir portas com o cotovelo

COMUNIDADES//PÁG. 7

Escrevem nesta edição



José Soares



Maria Luísa Soares



Tomás Mota Vieira

PUB

A pensar em si, criamos um site de entregas ao domicílio

Comprar em casa

CONTINENTE well's

Zonas de entrega
Lagoa | Ponta Delgada | Ribeira Grande | Angra do Heroísmo

www.compraremcasa.pt | Ligue 296 248 760

Não haverá condecorações no 10 de Junho nos Açores

REGIONAL//PÁG. 2

Comissão Europeia recomenda a Portugal apoios às Regiões Autónomas

DOCUMENTO//PÁGS. 4 E 5

PUB

ab OURO

COMPRO JÓIAS | OURO | PRATA
MESMO PEÇAS PARTIDAS

PAGO A DINHEIRO NA HORA*

SIGILO, HONESTIDADE E PRIVACIDADE

AVALIADOR DE ARTÍFICOS COM METAIS PRECIOSOS E DE MATERIAIS GEMOLÓGICOS

SEM VENDIDA O SEU OURO SEM NÓS CONSULTAR

962 505 090
ABOURO@SAPD.PT
RUA MACHADO DOS SANTOS Nº52, PONTA DELGADA

ERA IMOBILIÁRIA

<p>SÃO PEDRO</p> <p>3 WC 2 - 111 111</p> <p>APARTAMENTO / 09320069 €145.000,00</p>	<p>SÃO VICENTE FERREIRA</p> <p>520</p> <p>LOTE / 09320013 €69.000,00</p>	<p>SÃO PEDRO</p> <p>3 WC 2 - 105 296</p> <p>MORADIA / 09320015 €365.000,00</p>	<p>RELVA</p> <p>4 WC 2 - 184 586</p> <p>MORADIA / 09320017 €320.000,00</p>
---	---	---	---

ERA PONTA DELGADA
pontadelgada@era.pt
era.pt/pontadelgada
t. 296 650 240

ERA PORTAS DA CIDADE
portasdacidade@era.pt
era.pt/portasdacidade
t. 296 247 100

Açoriana, S.M.L., AMH 5775, C.A.S. Açoriana e Jurídica e Financeiramente Independente.

Gilberto Vieira, Associação Turismo Rural

“Retoma vai ser lenta e turismo rural terá papel fulcral”

Há quem diga que a nova tendência do turismo, nos próximos tempos de pandemia, será a procura por espaços naturais, alojamentos em que as famílias estejam à vontade sem se cruzarem com outras pessoas e que este papel será relevante no turismo em espaço rural. Haverá entusiasmo nos Açores para alavancar a nova tendência? O Presidente da Associação Casas Açorianas (turismo rural), Gilberto Vieira, fala das perspectivas deste tipo de oferta numa entrevista ao “Diário Insular”.

Numa altura em que o turismo é quase inexistente qual a situação do alojamento rural nos Açores?

A situação, ao nível de clientes, é um vazio, tanto no alojamento em espaço rural como noutras tipologias, porque, de facto, o movimento turístico é praticamente nulo nesta altura. E mesmo a curto prazo, o número de reservas é extremamente baixo e entre essas poucas continuam a surgir cancelamentos.

É uma situação completamente atípica, sem paralelo desde que há turismo minimamente organizado nos Açores.

A pandemia da Covid-19, com tudo o que implica em termos da saúde pública, veio colocar, no que ao turismo nos Açores diz respeito, um dilema colossal: precisamos desesperadamente de turistas para alimentar a oferta que cresceu exponencialmente nos últimos anos, com tudo o que isso implica a nível da economia e do emprego e, paralelamente, temos que defender a todo o custo a saúde dos residentes, procurando evitar novos focos de infeção pelo novo coronavírus, situação que deitaria por terra todo o consensualmente reconhecido trabalho que está a ser feito na Região. É um pouco como a história do coveiro que dizia: “Não quero que ninguém morra, mas quero que o meu negócio corra”, o que é um paradoxo perfeito.

Quais as perspetivas da retoma do turismo nos Açores? Considera que o turismo rural terá maior facilidade a adaptar-se, tendo em conta a pequena dimensão das unidades, o que permite que não exista grandes concentrações de pessoas?

No contexto do que acabei de dizer, entendo que a retoma vai ser lenta, com a tentativa, nos tempos mais próximos, de conciliar a saúde das nossas populações com o retorno à atividade possível, um processo que, acho eu, pode ter avanços e recuos, face às circunstâncias de cada momento.

E, independentemente do reforço de promoção de um destino especial que já tinha visibilidade considerável, é preciso não esquecer que tudo indica que a retoma do turismo, à escala global, vai começar a nível interno de cada país, derivado a um melhor conhecimento da sua realidade nacional no que à Covid-19 diz respeito.

Os Açores não vão fugir a essa regra:



primeiro haverá um ténue movimento a nível regional, seguindo-se o mercado nacional e, só depois, surgirão visitantes de outros países, em número significativo.

No que respeita à segunda parte da pergunta, essa é a nossa convicção, porque, perante as circunstâncias, o é fácil admitir que, depois destes tempos inesperados e, mesmo, preocupantes que atravessamos, escolher locais e modos para viajar será uma das prioridades na altura de planear férias. Isto é, não é difícil de admitir que, pelo menos nos próximos tempos, os turistas optem por soluções que não impliquem aglomerados de pessoas, que não conhecem, como sejam os casos de excursões e alojamento em grandes unidades hoteleiras.

É nesse contexto que as unidades de pequena dimensão, parece óbvio, têm alguma vantagem no processo de retoma, por poderem proporcionar ambientes com potenciais riscos muito menores, a que se somam vivências características de espaços abertos e interessantes, uma das diferenciações da atividade do turismo em espaço rural que vinha sendo a principal âncora do destino Açores e que, neste pressuposto, ganha ainda mais expressão.

Defende que serão necessários mais apoios para evitar o encerramento de muitas unidades de turismo rural? Nesse âmbito, quais são as propostas da Associação Casas Açorianas?

Sem querer “puxar a brasa à minha (nossa) sardinha”, a verdade é que as unidades de Turismo Rural e de Natu-

reza açorianas tiveram e têm um papel fulcral na afirmação das especificidades do destino Açores.

Esse trajeto foi feito a muito custo, com empenho e, mesmo, carinho, com investimentos acrescidos dada a natureza das instalações recuperadas e adaptadas e ambiente envolvente, o que permitiu apresentar uma oferta única e especial. A manutenção desses espaços, mesmo em tempo de ausência de clientes, continua a ser cara e, por isso mesmo, entendemos que merecemos uma atenção especial no que a apoios diz respeito.

É com este histórico de sucesso que acreditamos que o segmento de mercado representado pelas Casas Açorianas será novamente fundamental no processo de retoma do Turismo nos Açores.

Entendemos que essa realidade justifica um olhar especial para as necessidades de cada uma das unidades nossas associadas, não só para evitar eventuais falências, mas, sobretudo, para alavancar o retorno à atividade com todas as condições que fazem do turismo rural e de natureza nos Açores um produto “sui generis”.

É talvez interessante recordar aqui quase que a “epopeia” de quem há muitos anos acreditou em projetos desta natureza, num tempo em que, praticamente, não havia turistas e fazer acreditar que seria importante esta atividade pela importação de consumidores.

Foi como abrir um trilho para que todos pudessem passar, e alguns que ainda estão no mercado se lembram que nem havia turistas e muito poucos incentivos para que se criasse um motor

de arranque.

Nesse tempo, o receio de investir no turismo passava, essencialmente, por eventuais catástrofes naturais, nomeadamente terremotos, que todos julgávamos serem as únicas possíveis de nos atrapalhar a vida.

Depois surge a crise europeia e mundial, com as intervenções da “troika”, o que descapitalizou empresas das diversas atividades económicas, cujos empresários pensaram encontrar no turismo um novo maná. Apareceu como que uma alavanca.

O aparecimento de muitos “players”, e muito inexperientes, levou a um surgimento de oferta exagerada e, perante as atuais circunstâncias, faltou tempo para pagar os investimentos e consolidar os negócios. Quando se começa a acreditar, com alguma dose de fantasia, que tudo seria irreversível, aparece algo inesperado e de dimensão e universalidade que parte completamente a alavanca, deixando-a mesmo entalada.

Entalada porque quem a utilizou não a sabia manusear e agora sentou-se em cima da pedra à espera que alguém a tire.

Como perspectiva o futuro do turismo rural após a pandemia da Covid-19?

A minha esperança e convicção é que, depois do regresso da normalidade possível – uma vez que nada será como dantes –, todas as características que distinguem os Açores possam, de novo, ser divulgadas e progressivamente apreciadas, assim saibamos nós preservar e valorizar esse património múltiplo e exaltante para não correremos o risco de banalização.

Além disso, não podemos dormir descansados sobre o muito que já os Açores conquistaram em termos de visibilidade ao nível global, devido a essas características endógenas, pois o turismo é uma atividade em permanente mutação e há múltiplos destinos a disputar o seu lugar nos mercados que nos vêm preferindo.

Em todos estes contextos, continuo firmemente convicto de que o nosso turismo rural e de natureza é elemento essencial para o contínuo e progressivo desenvolvimento do turismo na Região e, como tal, deve ser respeitado e acarinado.